

Mais dois bancos admitem prejuízos

MOISES RABINOVICI
Enviado Especial

NOVA YORK — Mais dois bancos norte-americanos rebaixaram ontem à tarde o **status** de seus empréstimos ao Brasil — o Chemical Bank e o Mellon — enquanto o J.P. Morgan confirmou que está mantendo sua linha de curto prazo aos bancos brasileiros em regime de **overnight**, e um outro ainda, o Montreal, anunciou, em nova York, que vai transformar US\$ 100 milhões de seu crédito de US\$ 1,5 bilhão em investimentos na economia brasileira (ver abaixo).

Agora já são cinco os bancos que

prevêem a perda de milhões de dólares em juros de um total de US\$ 5,91 bilhões da dívida brasileira reclassificada como **non-accrual** — os US\$ 4,6 bilhões do Bankamerica, do J.P. Morgan e da Manufactures Hanover anunciados anteontem, e mais o bilhão de dólares do Chemical e os US\$ 310 milhões do Mellon, de Pittsburgh, comunicados oficialmente ontem à Comissão de Controle Bancário do governo dos Estados Unidos.

A previsão é de que outros bancos sigam o exemplo dos primeiros seis, entre eles o Citibank, com seus US\$ 3,9 bilhões de empréstimo, e, ainda, segundo o *The Wall Street Journal* de ontem, o Chase Manhattan. E isto porque o

Brasil passou a ser considerado um pagador duvidoso, ou **substandard**, pelo banco central americano — antes, era um cliente de risco.

"Quando um banco levanta a lebre, todos os outros normalmente o seguem. Aquele que não seguir terá que apresentar um argumento muito forte para mostrar como um de seus empréstimos pode ser bom quando a maioria o classifica como ruim" — explica uma fonte bancária em Nova York.

Para esta fonte, muito bem informada, essa bola de neve crescendo na comunidade financeira norte-americana pode acabar desabando sobre a mesa de negociações que está sendo armada para o ministro Dílson Funaro, que

chega aos Estados Unidos na semana que vem.

"Uma coisa é você contabilizar resultados, distribuir dividendos aos acionistas, publicar balanços e depois sentar diante dos negociadores brasileiros e ser obrigado a aceitar qualquer acordo para não extorçar lucros. E outra coisa é você aceitar o prejuízo, retirando do seu lucro os juros, ações já desvalorizadas, o empréstimo já convertido em **non-performing loan**, e sentar diante dos negociadores brasileiros com uma posição de força: 'Olha, já perdemos, e agora vamos conversar direito.'"

Para entender o que os bancos nor-

te-americanos estão fazendo com seus créditos ao Brasil, nestes últimos dois dias, será preciso conhecer o significado de dois termos específicos, o **non-performing loan** e **non-accrual status**. E quem os explica, aqui, é o gerente do Banco do Estado do Rio Grande do Sul em Nova York, Carlos Becker:

"O **non-performing loan** é um empréstimo cuja **performance** não está ocorrendo. Ele venceu, e os juros não foram pagos. Ou, ainda: digamos que o empréstimo seja de cinco anos, com juros semestrais, como o caso do Brasil na dívida de médio e longo prazo. Enquanto os juros forem pagos a cada seis meses, mesmo que o principal perma-

neça intocado, o empréstimo é um **performing loan**. No momento em que não são mais pagos, ele passa para **non-performing**. Já o **accrual** é um procedimento contábil que diz respeito aos juros. Quando se tem uma boa expectativa de que os juros serão pagos, por exemplo, você pode fechar um balanço em dezembro, mesmo que vá recebê-los em janeiro. Você fez um **accrual** dos juros. Você contabilizou os juros como lucro em 31/12, mas eles estão correndo em janeiro. No Brasil isto se chama regime de competência da receita. Você apropria os juros que ainda não recebeu".